

A celebridade é política? movimentos de politização e despolitização entre Anitta e seus públicos

Is the celebrity political? movements of politicisation and depoliticisation between the Brazilian singer Anitta and her publics

La célébrité est-elle politique? mouvements de politisation et dépolitisation entre la chanteuse brésilienne Anitta et ses publics

Pedro Paixão-Rocha

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG) com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), jornalista e integrante do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS).

E-mail: pedrohrocha26@gmail.com

Paula Guimarães Simões

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS). Ex-professora visitante da University of California, Irvine (UCI), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo investiga tensionamentos entre a cantora brasileira Anitta e seus públicos em um acontecimento ocorrido durante o período eleitoral de 2018. Utilizando uma abordagem pragmatista das celebridades (França; Simões, 2020a, 2020b) e a noção de (des)politização (Wood; Flinders, 2014), analisamos as disputas de sentidos e valores politizados entre a celebridade e os públicos no decorrer de duas semanas no *Twitter*. Identificamos diferentes fluxos de politização e despolitização de valores na imagem pública de Anitta, partindo tanto da celebridade quanto de seus públicos, num movimento de interpretação e (des)naturalização de sentidos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: *Celebridades; Públicos; Abordagem pragmatista; Politização; Política de celebridades.*

ABSTRACT

This paper investigates the tensions between the Brazilian singer Anitta and her publics in an event that happened during the 2018' electoral period. Using a

pragmatist approach of celebrity (França; Simões, 2020a, 2020b) and the notions of politicisation and depoliticisation (Wood; Flinders, 2014), we have analysed their disputes of politicised meanings and values during two weeks on Twitter. We have identified different flows of politicisation and depoliticisation of values on Anitta's public image, originating both from the celebrity and her publics, in a movement of interpretation and (de)naturalisation of political meanings.

KEYWORDS: *Celebrities; Publics; Politicisation; Pragmatist approach ; Celebrity politics.*

RÉSUMÉ

Cet article explore les tensions entre la chanteuse brésilienne Anitta et ses publics lors d'un événement qui a eu lieu dans la période électorale de 2018. À l'aide d'une approche pragmatiste de la célébrité (França; Simões, 2020a, 2020b) et des notions de politisation et dépolitisation (Wood; Flinders, 2014), nous avons analysé ses conflits de sens et de valeurs politisés pendant deux semaines sur Twitter. Nous avons identifié des différent flux de politisation et de dépolitisation des valeurs dans l'image publique d'Anitta, en partant à la fois de la célébrité et de ses publics, dans un mouvement d'interprétation et de (dé)naturalisation des significations politiques.

MOTS-CLÉS: *célébrités; publics; politisation; approche pragmatiste; politique des célébrités.*

Submetido em / /2020

Aceito em / /2021

Introdução

O contexto contemporâneo é caracterizado por um crescente processo de politização, perpassando as interações cotidianas e sendo difundidas por meio das redes sociais digitais. Sujeitos públicos são frequentemente convocados a se posicionar e cobrados por seus posicionamentos políticos em torno de causas sociais e temas urgentes da sociedade, e disputas simbólicas em relação a diferentes temas são travadas na cena pública. As celebridades se inserem nesse processo em que suas ações podem impulsionar movimentos de politização e/ou despolitização nas interações com seus públicos. O objetivo deste texto é analisar ações de (des)politização de uma celebridade específica – a cantora Anitta – e sua interlocução com os públicos.

Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27702

Nas eleições presidenciais de 2018, a cantora Anitta seguiu um perfil no *Instagram* que fazia campanha para o então presidenciável Jair Bolsonaro (notório por sua retórica sexista, homofóbica e racista). A ação foi prontamente notada por internautas, e públicos se mobilizaram através da *hashtag* no *Twitter* #AnittaDigaNãoAoFascismo¹, cobrando um posicionamento direto de Anitta. A cantora – muito conhecida por mobilizar públicos ligados a pautas progressistas, como LGBTs e feministas – se manifestou na mesma rede social digital, alegando que “não era obrigada a fazer campanha política”. Os públicos, então, iniciaram uma nova *hashtag*: #AnittalsOverParty². Após o ocorrido, a cantora gravou uma série de vídeos na função *Stories* do *Instagram* onde dizia ser “vítima de *cyberbullying*” e ameaças. Na sequência, a cantora Daniela Mercury gravou um vídeo no *Instagram* convocando Anitta a se posicionar contra Bolsonaro, iniciando publicamente o movimento em torno da *hashtag* #EleNão. Em 23 de setembro, do ano mencionado, Anitta finalmente cedeu e gravou um vídeo repudiando as atitudes de Bolsonaro, apoiando o movimento #EleNão e convocando outras celebridades mulheres, como as cantoras Preta Gil, Ivete Sangalo e Claudia Leitte, a se posicionarem.

O estudo está dividido em três partes, além das considerações finais. Na primeira, discutimos a relação entre celebridades e seus públicos, evidenciando a *abordagem pragmatista* que orienta nosso olhar. Na segunda, enfocamos os movimentos de politização e despolitização, destacando a apropriação do conceito dentro do que vem sendo chamado de *política de celebridades*. Na terceira, apresentamos o corpus composto por 452 *tweets* postados entre 12 e 25 de setembro de 2018 – período que compreende o início do acontecimento e parte de sua repercussão nas redes sociais digitais. Em seguida, procedemos à *análise pragmatista* da celebridade e suas interações com os públicos, buscando perceber as ações que são desencadeadas e os processos de (des)politização que podem ser percebidos no acontecimento aqui em foco.

¹ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23AnittaDigaN%C3%A3oAoFascismo> Acesso em: 3 mar. 2019.

² Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23AnittalsOverParty>. Acesso em: 3 mar. 2019.

1. Celebidades e seus públicos: uma abordagem pragmatista

Celebidades são indivíduos que se destacam na cena pública por diferentes motivos, engendrando conhecimento, reconhecimento e culto por parte de uma coletividade, como destaca França (2014): “[o termo celebridade] diz de alguém que se torna conhecido por muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto uma certa excepcionalidade digna de admiração e reverência” (França, 2014, p. 19). Nesse processo de celebração, tais sujeitos integram a dinâmica de consumo e da própria indústria cultural - como é destacado na abordagem de vários autores (Marshall, 2006; Turner, 2014; Torres, 2014).³

Sem negligenciar essa dimensão mercadológica e capitalista das celebridades, neste trabalho, enfocamos o modo como estas despertam e configuram públicos. Ou seja, falar de celebridades é falar de pessoas que despertam públicos. Elas gozam de ampla visibilidade em um contexto social, cujas existências e/ou ações produzem alguma afetação coletiva: são notadas, evidenciadas, reconhecidas e celebradas por membros desta coletividade. Assumindo uma *abordagem pragmatista das celebridades* (França; Simões, 2020a, 2020b), é justamente para esse terreno das ações empreendidas por elas - as quais desencadeiam posicionamentos dos públicos - que o nosso olhar se volta.

A interação entre as celebridades e suas coletividades mobilizadas não se caracteriza apenas pelo reconhecimento positivo. Na medida em que sua imagem e ações são reconhecidas, elas podem suscitar tanto movimentos de admiração quanto de crítica. Se os sujeitos célebres “ostentam aquilo que uma determinada sociedade, num determinado momento, valoriza” (França, 2014, p. 25), um *quadro de valores*, estes podem provocar *identificação*, *projeção* e *contraidentificação* nos públicos. Identificação que acontece através do reconhecimento de qualidades e

³ Essa visão centrada na dinâmica de consumo das celebridades já foi acionada para refletir sobre o acontecimento aqui em foco envolvendo a cantora Anitta. Postinguel, Gonzatti e Rocha (2020) procuram analisar o consumo em rede do mundo do entretenimento, atentando para o modo como a cultura pop é atravessada por fluxos políticos.

valores em comum; projeção que vem através do desejo, da admiração e da idealização do modelo que representam (França, 2014, p. 27). A contraidentificação, por sua vez, ocorreria quando os valores da celebridade entram em conflito com aqueles dos sujeitos, suscitando sentidos de diferença e distância entre os dois.

Esse processo é parte da dinâmica de interesse e afetação pelos célebres: “através da contraidentificação, nos tranquilizamos e nos valorizamos ao criticar a arrogância, as besteiras, o excesso, a vulgaridade da vida mundana” (Dortier, 2009, p. 21). Para Simões (2012, p. 49), os relacionamentos entre celebridades e públicos podem ser “contraditórios e ambíguos, e é nesse movimento complexo em que se afirma e/ou se desconstrói o lugar dos famosos na cena pública”. Observando e contrastando ações dos célebres com as afetações que suscitam – seja pela glorificação, comoção e/ou rejeição – é possível apreender valores que são caros a um grupo social e/ou coletividade.

Uma celebridade também se caracteriza pela tênue separação entre o público e o privado. Na medida em que o sujeito mantém ou ascende em visibilidade, ele o faz através do conhecimento e reconhecimento de suas ações; esse movimento pode ocorrer através dos *media* e/ou propulsionado pelo próprio célebre nos espaços onde seus celebradores os acessam. Mas independente do meio, observamos uma delimitação cada vez mais opaca entre o eu privado e o eu público dos célebres. Essa fronteira pouco definida acaba por transfigurar situações que inicialmente seriam caracterizadas como ações *privadas* em ações *públicas*: vida amorosa, afazeres cotidianos, posicionamentos políticos. Porque eles estão inseridos numa cena pública, as ações das celebridades passariam, então, a provocar afetações naqueles sujeitos que as celebram, as conhecem, as reconhecem. As ações que provocam afetações seriam, então, dissecadas, discutidas, endossadas ou rejeitadas/denunciadas.

Esse limiar entre o que é exposto e o que é particular esbarra na noção pragmatista de John Dewey (1946) sobre *público*, que distingue atos privados e públicos a partir das consequências geradas por eles: se elas se encerram naqueles

diretamente engajados na interação, o ato é de natureza *privada*; se tais consequências se desdobram para além destes, o ato se torna *público* (Dewey, 1946, p. 12). O filósofo atenta para uma distinção entre privado/público e individual/social: segundo Dewey, muitos atos sociais são privados, e situações individuais podem afetar pessoas para além do indivíduo inicial e, então, se configurarem públicas (Dewey, 1946, p. 13).

Para Quéré (2003), o público deve ser pensado como *forma* e como *realidade intencional*: 1) não como uma forma previamente existente, mas que é configurada a partir da vivência de uma situação; 2) não como resultado de intenções individuais, mas como uma realidade ligada a um quadro simbólico que orienta atitudes e comportamentos. Além disso, o autor evidencia o *caráter adverbial do público*: o que é coletivo é a ação e não o sujeito; o sujeito é um dos complementos do verbo (2003, p. 126). É a ação que convoca as pessoas a ocuparem papéis e lugares sociais em determinado contexto. Nesse sentido, é importante perceber a forma como o público é afetado pelos acontecimentos. É preciso atentar para o modo como ele é convocado a agir e se posicionar no contexto de fundo construído a partir da emergência de um acontecimento.

Os públicos, então, são as coletividades constituídas pelos sujeitos afetados por atos de caráter público: estes podem ser transações sociais (Dewey, 1946), uma crise que se configura em uma situação problemática (Cefai, 2017), um acontecimento (Quéré, 2003; Babo, 2013). Surgem ao vivenciarem, em comum, uma experiência que provoca sentido – uma *experiência coletiva*: “o público se constitui como paciente – que sofre, experimenta, é afetado – e agente – que reage, seleciona, adota um comportamento” (França, 2006, p. 82). Essa experiência, então, convoca os sujeitos afetados a indagar em conjunto, buscar soluções, tomar algum posicionamento (Silva, 2016; Cefai, 2017; Quéré, 2003). Nesse processo de construção de sentido acerca da experiência que os afetou, podem traçar as causas do acontecimento e imputar responsáveis. Eles “se inquietam, se interrogam, investigam, experimentam, discutem” (Cefai, 2017, p. 188), na tentativa de regular, suprimir e/ou solucionar a problemática com a qual se veem confrontados.

A partir das definições acima, percebemos que os públicos se diferenciam de outros conceitos como *audiência*, *massa*, ou mesmo a configuração habermasiana do termo. Para o pragmatismo, os públicos são compostos de sujeitos ativos, na medida em que a publicização da problemática a que são submetidos os convoca à ação: a partir da indeterminação da situação, os sujeitos:

se mobilizam, em lugares e momentos diversos, e tentam reconhecer, cada um a partir de sua perspectiva, em que consiste esse distúrbio e, se necessário, tentam identificá-lo e defini-lo, atribuir-lhe causas e razões, determiná-lo como um *problema*. (Cefai, 2017, p. grifo nosso).

Para Babo (2013), os públicos produzem uma *recepção elaborante* (Silva, 2016, p. 88), pois “há interpretação, compreensão, apropriação e aplicação no ato da recepção” (Babo, 2013, p. 223), ou seja, é intrínseco ao próprio movimento de ser afetado e reagir à afetação. Os públicos, então, promovem “uma atualização de sentidos, da identidade dos sujeitos, de suas perspectivas e pontos de vista no curso da interação” (Silva, 2016, p. 90), ou seja, ao decorrer da própria experiência. Na arena pública em que se conformam as atividades coletivas de significação, indagação e definição (Cefai, 2017), há também o espaço para dinâmicas de definição de curso da ação, ressignificação de eventos passados que possam contribuir para a compreensão e disputas internas em torno destes. Ou seja, o público é ativo e fonte de sentido acerca dos acontecimentos.

De acordo com Cefai (2017), um problema de ordem pública não se constitui apenas na reação dos sujeitos afetados, “mas também no padecer e no compadecer. Tem uma dimensão de passividade” (Cefai, 2017, p. 191). A situação que afeta necessita, então, provocar e convocar emoções de uma coletividade: “O problema público só começa verdadeiramente a existir quando se torna um processo de experiência coletiva” (Cefai, 2017, p.194). A partilha da experiência em comum impulsiona os sujeitos afetados – numa *paixão coletiva* – a conformarem uma mobilização em público.

Ainda que formados a partir de uma experiência em comum, a recepção dos públicos não é homogênea. Dotados de contextos, vivências e identidades em

particular, os sujeitos dos públicos acionam estas no decorrer do processo em comum.

Evidentemente, esse esforço de problematização e publicização nada tem de unânime. Ao contrário, o público se forma e cresce na contestação, quando já não há consenso nem consentimento. Desde a expressão das primeiras emoções, sensações e apreciações, as perspectivas divergem e se afrontam. Quem diz publicidade diz pluralidade e conflitualidade. Um público é uma comunidade política cuja unidade se ordena em torno de propostas de divisão e de conflito. (Cefaï, 2017, p. 198).

Assim, consideramos os públicos como sujeitos ativos no decorrer da própria experiência que vivenciam. No caso aqui analisado, eles se constituíram a partir de um acontecimento protagonizado por uma celebridade, Anitta, que teve como gatilho uma crise que se transfigurou em uma situação problemática. Os indivíduos afetados por essa experiência coletiva constituíram-se em públicos, que buscaram identificar a crise (o *follow* no perfil pró Bolsonaro como evidência de posicionamento político), deliberaram sobre suas implicações (Anitta é ou não é a favor de Bolsonaro?) e buscaram solucioná-la.

Nesses movimentos de problematização, ações da celebridade foram *desnaturalizadas* e usadas para justificar a mobilização de públicos e suas demandas; Anitta, por sua vez, tentou encerrar o acontecimento usando justificações para o próprio ato de não se posicionar, *naturalizando* suas ações de seguir o perfil pró Bolsonaro e de não se envolver com política. Aproximando conceitos, entendemos que o movimento de indagação dos públicos pode ser enquadrado como um movimento de *politização* (Hay, 2013; Wood; Flinders, 2014), no que tange sua habilidade de evidenciar, questionar, desnaturalizar fatos dados como naturais - o que discutiremos a seguir.

2. Como questões são politizadas e/ou despolitizadas?

Argumentamos aqui que as interações comunicativas entre os públicos e a celebridade que é a fonte de afetação podem gerar movimentos de politização e

despolitização entre si. Fugimos da utilização corriqueira do termo “politização” por alguns atores sociais, como o jornalismo, que tende a denotar a ação (em geral com conotação negativa) de introduzir sentidos ideológicos e partidários onde estes previamente não existiam. Como demonstram Wood e Flinders (2014), a politização vai além da política institucional; ela é um movimento de “funções, poderes e responsabilidades fluindo entre diferentes domínios políticos através da sociedade” (Wood; Flinders, 2014, p. 153, tradução nossa)¹. Os autores recuperam a conceitualização de Hay (2013), que aponta que “questões são politizadas quando se tornam o objeto de deliberação, tomada de decisões e agência humana onde previamente não eram” (Hay, 2013, p. 148, tradução nossa)⁴. Eles apontam três *loci* que são perpassados por esse movimento: os domínios do privado, do público e do governo.

Uma questão tida como não-política é questionada, desnaturalizada no âmbito individual (politização discursiva); em seguida, a deliberação pública faz com que a questão se torne um problema social (politização social); por fim, a responsabilidade é promovida às instâncias governamentais, onde se integra à política institucional, local onde se dá a tomada de decisões (politização governamental). A despolitização segue o fluxo inverso: uma questão pode ser delegada pelo domínio do governo ao domínio do público, passando pela renaturalização até ser devolvida ao reino do fato. Hay (2013) e Wood e Flinders (2014) reforçam a natureza *relacional* dos fluxos de (des)politização, que transbordam entre diferentes domínios da vida social, de diferentes maneiras e em diferentes sentidos, constituindo-se primariamente a partir das interações discursivas entre os atores sociais.

A partir desta interpretação, questões como racismo, LGBTfobia e machismo são retiradas do domínio do fato ao serem problematizadas e desnaturalizadas pelos sujeitos individualmente (politização discursiva); deliberações públicas resultam dos questionamentos desses sujeitos (politização

⁴Do original: “Issues are politicized when they become the subject of deliberation, decision making and human agency where previously they were not.”

social), cuja responsabilidade pela resolução de problemas pode ser atribuída ao Estado e seus atores políticos (politização governamental). O inverso ocorreria quando o aparato estatal resigna tal resolução a atores da esfera pública (despolitização governamental), que por sua vez reafirmam a dimensão individual das questões problemáticas (despolitização social) e, por fim, as relegam à sua existência apolítica no domínio do fato (despolitização discursiva).

Assim, consideramos que o movimento de indagação dos públicos pode ser enquadrado como um movimento de *politização*, no que tange sua habilidade de evidenciar, questionar, desnaturalizar fatos dados como naturais, como a natureza política de diversos sentidos e valores contidos na imagem pública de Anitta enquanto celebridade. O inverso ocorre enquanto um movimento de *despolitização*, quando Anitta recusa tais interpretações de sua imagem pública e sua arte, delegando os sentidos políticos vistos aos olhos dos públicos para o domínio da vida privada. Esse processo de deliberação pública é interacional, no sentido de que os públicos se constituem no decorrer da experiência coletiva, entre seus integrantes e a fonte da crise; no nosso caso, uma celebridade. Defendemos que tais movimentos de politização e despolitização das celebridades podem ser inseridos no que Wheeler (2013) nomeia *política de celebridades*, evidenciando tanto uma celebrização dos políticos quanto um processo de politização das celebridades no contexto contemporâneo.

Assim, uma celebridade se constitui enquanto politizada na medida em que publiciza e desnaturaliza questões sociais, efetivamente instaurando um processo de interlocução pública de sentidos e valores com os públicos que mobiliza; os públicos podem reforçar esse movimento ou mesmo buscar desnaturalizar tais questões, despolitizando tanto a celebridade quanto os seus discursos. O oposto também pode ocorrer: públicos buscarem politizar ações de uma celebridade e serem confrontados com a rejeição desta, que busca desnaturalizar suas ações, relegando-as ao reino do fato. É essa dinâmica de (des)politização entre celebridades e seus públicos que analisamos a seguir.

3. Analisando as interações entre Anitta e seus públicos

A fim de compreender os movimentos de politização e despolitização nas interações entre Anitta e seus públicos, coletamos 452 *tweets*⁵ que continham as *hashtags* “#AnittaDigaNaoAoFascismo” e “#AnittaIsOverParty”, postados entre os dias 12 e 25 de setembro de 2018 – período que compreende o início do acontecimento e dois dias após a divulgação do vídeo de posicionamento de Anitta. Assumindo a *abordagem pragmatista* (França; Simões, 2020a, 2020b) apresentada anteriormente, olhamos para as *ações* da celebridade e para aquelas desencadeadas no âmbito dos públicos. Assim, mapeamos as postagens dos públicos no *Twitter* com uma grade analítica baseada nas características dos públicos definidas por Quéré (2003) e Cefai (2017) e de (des)politização apresentadas por Wood e Flinders (2014). Buscamos identificar, nessas interações discursivas entre celebridade e públicos, fluxos de politização e despolitização.

A grade analítica buscou, inicialmente, responder às seguintes perguntas:

- 1) Qual é a crise ou distúrbio identificado pelos públicos deste acontecimento?
- 2) Quais foram suas definições e/ou indagações do acontecimento?
- 3) Quais foram as resoluções? Quais foram as soluções para a crise e ações desencadeadas pelos públicos?

Também analisamos as publicações de Anitta no *Twitter* (23 *tweets*) e no *Instagram* (duas publicações no *feed* e uma sequência de vídeos na modalidade *Stories*⁶) do mesmo período da mobilização, procurando identificar suas interpretações acerca da mesma situação, além de suas ações perante os públicos.

⁵Essa coleta foi realizada manualmente através da ferramenta de busca avançada do *Twitter*, a partir da categorização “*Tweets em destaque*” da própria plataforma, que foram armazenados e codificados em planilhas eletrônicas. Esse método foi escolhido porque não conseguimos acesso à API do *Twitter* (aplicação que permite acesso aos dados de uma plataforma) e possui algumas limitações, visto que o acesso à busca de *tweets* publicados num período maior que duas semanas torna-se relativamente restrito e pulverizado. Apesar disso, o material coletado mostrou-se satisfatório para os objetivos desta pesquisa.

⁶ Devido à característica fugaz deste tipo de postagem, recorreremos a gravações dos *Stories* de Anitta que foram postados no *YouTube*.

Estas foram pontuais, mas permitiram que fossem analisadas as afetações dos públicos na celebridade e vice-versa⁷.

Assim, construímos uma ordem cronológica do acontecimento baseada em três momentos: 1) a partir do dia 12 de setembro de 2018, início da coleta, com a *hashtag* “#AnittaDigaNaoAoFascismo”; 2) a partir do dia 19 de setembro de 2018, quando Anitta se pronunciou sobre a mobilização em suas redes sociais digitais e também quando a *hashtag* “#AnittasOverParty” começou a apresentar postagens; e 3) a partir do dia 23 de setembro de 2018, data de veiculação do vídeo de Anitta se posicionando contra Jair Bolsonaro e aderindo ao movimento “#EleNão”.

Essas três marcações temporais foram designadas para nos auxiliar a compreender: 1) o movimento de mobilização em público ao redor das afetações iniciais; 2) as reações da celebridade à mobilização e as próprias afetações que estas ações produziram nos públicos; e 3) o posicionamento político da celebridade e as reações dos públicos em relação a ela. Com essa operacionalização metodológica, buscamos compreender as afetações, manifestações e relações de ambas as partes envolvidas no acontecimento, a fim de apreender a formação dos públicos, suas interações com a celebridade e os sentidos de (des)politização contidos nesses movimentos.

4.0 estopim do acontecimento e as indagações iniciais

No período de 12 a 18 de setembro de 2018, identificamos a crise inicial e desencadeadora de públicos como sendo o *follow* de Anitta a um perfil pró-Jair Bolsonaro. Exigências foram feitas pelo posicionamento e eram definidas como um pedido de apoio: seria um gesto em defesa da comunidade LGBT⁸ que estava

⁷ Tanto o *Twitter* como o *Instagram* foram redes sociais digitais fundamentais em todo o processo do acontecimento analisado. É sabido que essas plataformas possuem suas próprias dinâmicas de agenciamento, que implicam questões algorítmicas e comerciais e influenciam as interações que ali acontecem. Reconhecemos esse fato, mas tais dinâmicas não eram decisivas para a nossa análise, que buscou olhar mais para as interações dos sujeitos nestas plataformas (que já acontecem a partir desta lógica) do que para sua materialidade.

⁸A sigla foi utilizada, nesta análise, como um termo agregador que contemplasse as falas onde os indivíduos do público se identificavam como gays, lésbicas, bissexuais e/ou transsexuais.

ameaçada pela iminência da eleição de Bolsonaro e, por isso, era relevante para seus membros como um todo. Outros apontavam que uma falta de posicionamento causaria decepção entre os fãs, pois este era um momento crucial para se mobilizar politicamente. Parte dos públicos começou a recuperar um histórico de ausência nas posições de Anitta, como quando a mesma se atrapalhou ao ser convocada para opinar sobre o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco⁹, em março de 2018.

À medida que a mobilização foi progredindo, o comprometimento de Anitta com a comunidade LGBT foi questionado e o debate sobre o *pink money*¹⁰ surgiu: segundo aqueles que apoiavam esta tese, a cantora era oportunista pois monetizava pautas feministas e LGBT, mas não as defendia quando não existia lucro financeiro. A falta de posicionamento da cantora foi contrastada com os posicionamentos espontâneos (que não foram exigidos) de outras artistas celebridades, como Pablllo Vittar, Iza e Glória Groove. Resoluções apontavam pela continuidade da mobilização e a exigência de posicionamento de Anitta.

A própria mobilização e seus membros foram identificados como uma crise, provocando comentários contrários e favoráveis; tal fenômeno apareceu desde o primeiro dia de coleta. A mobilização foi classificada por alguns como fascista, intolerante, cheia de ameaças, cobranças e obrigações, e como uma tentativa de mandar nas ações de Anitta. Também foi vista como uma mobilização de esquerda e de comunistas, que, ao se desesperar com a probabilidade da vitória de Jair Bolsonaro, buscaram a necessidade de serem representados por Anitta.

⁹ Anitta foi cobrada nas redes sociais digitais a fazer um pronunciamento sobre a morte de Marielle, como outras celebridades estavam fazendo naquele momento. Uma das justificativas era a de que as duas compartilhavam raízes periféricas de favela. Anitta demorou, mas, após a pressão de públicos, fez uma postagem com a foto da vereadora e disse estar absorvendo o fato e que pretendia se pronunciar depois de três meses. Após ser criticada novamente, substituiu o texto por um *emoji* de coração partido.

¹⁰ O termo (também conhecido como *pink pound*) significa “dinheiro rosa” e se refere ao poder de compra da comunidade LGBT que é visada por diferentes mercados, como o cultural e o turístico. Em 2015, o poder de compra dessa parcela da população nos Estados Unidos era estimado em aproximadamente US\$ 917 bilhões (GREEN, 2016). Durante a pesquisa bibliográfica, detectamos uma falta de maiores pesquisas e conceituações precisas acerca do termo, especialmente no que se refere à realidade social e mercadológica brasileira.

A liberdade e garantia de voto secreto da artista também foi colocada em questão, apontando características antidemocráticas e antifeministas da mobilização. Parte dos públicos classificava o movimento como uma revolução, um evento marcante para a comunidade LGBT e seu primeiro ato contra Bolsonaro. Apontavam a cobrança como válida devido ao apoio constante dos LGBT à carreira de Anitta e que artistas precisavam se posicionar politicamente.

Também foi lembrado que recentes discussões ocorreram no *Twitter* sobre artistas que só se interessavam por *pink money* mas não se comprometem com os direitos LGBT, concentrando-se na *hashtag* “#OpPinkMoney”. Ainda houve aqueles que falaram que a mobilização era ineficaz devido ao histórico de Anitta em não se posicionar sobre temas sensíveis.

As demandas dos públicos que se concentraram em pedir seu posicionamento político buscaram sua justificação no histórico de apoio de Anitta às causas das minorias políticas, como LGBTs, feministas e periféricas. Para Cefaï (2017), uma crise ou situação problemática não precisa ser necessariamente material ou palpável, basta provocar e convocar emoções de uma coletividade. Por isso, sua ação de seguir um perfil favorável a Bolsonaro causou uma mobilização: uma dissonância entre os sentidos e valores esperados e aquelas que emergiram com a ação da celebridade foi suficiente para configurar uma crise. Afinal, os públicos se inscrevem em um *contexto institucional* (Quéré, 2003) que mobiliza e convoca certas atitudes e comportamentos.

Politizações discursivas e sociais podem ser identificadas nessa fase do acontecimento: primeiro, a ação de seguir um perfil pró Bolsonaro foi questionada e problematizada – naquele contexto de alta polarização política, todo e qualquer sinal de apoio político a algum candidato era passível de escrutínio. O *follow* de Anitta deixou de ser uma ação corriqueira ao ser desnaturalizada e foi lida como uma ação de cunho político, ao passo em que deixou de pertencer a um âmbito privado pois provocou uma afetação coletiva – tornou-se uma ação pública. Percebemos, aqui, o *caráter adverbial do público*, que realiza uma ação coletiva: “o que define o público é um modo de associação na experiência de uma situação;

uma maneira determinada de agir e de aguentar junto” (Quéré, 2003, p. 128, tradução nossa).

A partir desse ponto, as coletividades afetadas – os públicos – passaram a indagar-se em público, tentando interpretar e significar a ação que causou a crise. É importante notar que suas indagações estavam longe de ser homogêneas: as que apontavam sentidos políticos em Anitta usavam diferentes argumentos para embasar sua visão do acontecimento; aquelas contrárias à própria mobilização tentaram desclassificar e esvaziar essas interpretações, atuando num sentido de despolitizar o acontecimento entre os próprios públicos.

5. Tensionamentos entre celebridade e públicos

De 19 a 22 de setembro, as discussões giraram em torno da recusa de Anitta a se posicionar politicamente, justificando-se ao evocar seu direito a ações privadas e apolíticas, destacando que sua arte não é política. Em uma de suas três manifestações no período, via *Twitter*¹¹, a cantora afirmou que era um direito seu não emitir opiniões públicas sobre política. Anitta justificou que o perfil que havia seguido era de uma amiga e não apenas de apoio a Jair Bolsonaro, e que o conteúdo exposto nele não era de sua responsabilidade. Ela ainda disse não querer "ser obrigada a odiar ninguém por isso" e que seu trabalho não incluía se envolver com questões e campanhas políticas.

Respondendo diretamente à mobilização, disse ser incoerente afirmar que ela apoia "a morte à comunidade LGBT" quando ela mesmo é parte dela: "Estaria apoiando minha própria morte". Apontou que faz o possível para apoiar comunidades que defende e/ou faz parte, onde acredita que tenha o poder de mudança. Questionada sobre sua inserção na comunidade LGBT, Anitta retrucou se era necessária uma lista das pessoas com quem havia se relacionado até então.

No dia 20 de setembro de 2018, Anitta postou um vídeo no *Twitter*, desta vez pontuando que não votaria em "candidato machista, homofóbico e racista".

¹¹ Disponível em: <https://www.twitter.com/Anitta/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Segundo ela, campanhas e discursos políticos estavam sendo travados com seu nome, uma disputa na qual ela não se inseria. “A gente vive numa democracia, eu respeito a escolha de voto de todo mundo, mas eu não vou participar de jogo político e mais uma vez repito que eu não gostaria de ter a minha imagem atrelada a isso”. Terminou dizendo que dispensava apoio de candidatos e/ou afiliados em seu pronunciamento.

Na mobilização das *hashtags* “#AnittaDigaNaoAoFascismo” e “#AnittalsOverParty” (que começou a ter postagens nesse dia), muitos sujeitos continuaram a exigir seu posicionamento, inserindo críticas ao pronunciamento de Anitta. Seus pronunciamentos foram vistos como propositalmente vagos para tentar agradar a todos e assumir uma posição neutra. Sua recusa em se envolver com assuntos da política foi classificada como omissão em relação à comunidade LGBT, que teria apoiado sua carreira e seria sua maior fonte de lucro; sua rejeição à mobilização foi identificada como um sinal de que apoiava Jair Bolsonaro. Outros criticavam pessoas que defendiam Anitta e indicavam que a comunidade LGBT precisava de mais união em torno de pautas políticas. A seletividade da mobilização também foi apontada, com indagações sobre por que a posição política de outros artistas não foi cobrada. A mobilização continuou a ser vista como antidemocrática, incoerente e intolerante por alguns, mas também como força que iria conseguir vencer os discursos de Bolsonaro. Resoluções apontavam para boicotes em massa contra a artista e a busca da conscientização sobre a importância do apoio a artistas LGBT.

A partir do dia 21 de setembro de 2018, o volume de postagens na *hashtag* “#AnittaDigaNaoAoFascismo” foi diminuindo gradualmente, enquanto a “#AnittalsOverParty” cresceu e se manteve ativa até o fim do período da coleta. As manifestações dos indivíduos se mantiveram em torno das mesmas crises (celebridade, seu posicionamento e, em menor grau, a própria mobilização), com semelhantes definições e identificações (oportunista, falsa, interesseira, vaga, não é obrigada a se posicionar, mobilização problemática) e também as mesmas resoluções (boicote a Anitta, apoiar artistas LGBT), até o dia 23 de setembro de

2018, quando a cantora Daniela Mercury postou um vídeo¹² no *Instagram* desafiando Anitta a participar do movimento “#EleNão”.

Aqui, é interessante perceber como ações de politização e despolitização se entrecruzam discursivamente em diferentes domínios, de forma multifacetada e realizada pelos diferentes atores envolvidos na interação. Ao buscar naturalizar sua ação de seguir um perfil pró Bolsonaro, Anitta efetivamente *despolitiza* sua ação e a relega ao domínio do privado e do fato: o *follow* torna-se uma ação despolitizada quando é inicialmente descaracterizada de seu caráter público: era o perfil de uma amiga pessoal, ou seja, cuja relação concerne apenas à própria Anitta e não a seus públicos. Esse movimento também retira os sentidos políticos da ação: Anitta não se responsabiliza pelo conteúdo do perfil e diz não querer se envolver com questões político-partidárias por isso não ser parte da natureza do seu trabalho, isto é, relegando tais interpretações e sentidos ao *domínio do fato*, onde as coisas são porque são.

Na mesma situação, Anitta politiza-se: ao apontar que pertence à comunidade LGBT e que apoia diversas ações em prol da diversidade, ela desnaturaliza e aciona sentidos políticos para legitimar sua prévia despolitização. Quando afirma não votar em candidatos machistas, racistas e homofóbicos, ela politiza discursivamente esses sentidos, retirando ações que são machistas, racistas e homofóbicas do domínio do fato e delegando-as ao domínio do público, onde estão sujeitas aos processos de interlocução pública.

No entanto, quando observamos a mobilização de públicos nesse período, as interpretações das ações de Anitta são divergentes. Suas ações são tidas como vagas, insuficientes e até omissas, o que caracterizaria uma despolitização da cantora. A recusa de Anitta por nomear os candidatos em quem não votaria, aqueles que são machistas, racistas e homofóbicos, pode ser vista, então, como uma recusa à politização governamental, ou seja, um receio em atribuir responsabilidades a agentes do domínio do governo.

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/p/BoE6Z8ngTOJ/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 26 jul. 2019.

6. A normalização do acontecimento

No dia 23 de setembro de 2018, Anitta postou mais um vídeo¹³ em suas redes sociais, desta vez aderindo ao movimento “#EleNão”¹⁴. Ela havia sido desafiada pela cantora Daniela Mercury, via publicação no *Instagram*, a apoiar a *hashtag* e declarar repúdio a Bolsonaro. Anitta, então, diz claramente que não apoia o candidato, frisando “eu quero aproveitar essa oportunidade pra deixar claro pra vocês, de uma vez por todas, se ainda não ficou”. Também justificou seus pronunciamentos anteriores, dizendo que “além de se posicionar com *hashtag* a gente pode fazer durante a nossa vida, nos nossos dias também”, pontuando a luta contra preconceitos, racismo, machismo, homofobia e minorias em geral. Diz que é a favor da democracia e por isso apoia a *hashtag* “#EleNão” e desafia as cantoras Ivete Sangalo, Claudia Leitte e Preta Gil a também manifestarem seu apoio ao movimento.

A partir do dia 23 de setembro de 2018, as crises apontadas nas postagens da *hashtag* “#AnittaDigaNaoAoFascismo” foram mais mistas do que nos dias anteriores: a celebridade, seu posicionamento e a mobilização apareceram em proporções próximas. A atitude de Daniela Mercury foi louvável, pontuando que era necessário conter o fascismo. Também foi apontado que artistas que recebem *pink money* precisam se comprometer com as pautas LGBT. Sua imagem pública teria se desgastado com todos, principalmente com a comunidade LGBT, e seu posicionamento foi uma tentativa de não perder público e *pink money*. Seu ativismo foi visto como interesseiro, e ela teria tentado consertar a situação, sem

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BoFTGrCAPz0/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 26 jul. 2019.

¹⁴ Mobilização *online* contrária à candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência, iniciada nas redes sociais digitais através da *hashtag*. O movimento foi protagonizado por mulheres que se opunham, entre outros, às falas sexistas de Bolsonaro. Contou também com protestos de rua no dia 29 de setembro de 2018, com estimativas de 100 mil pessoas em São Paulo e 25 mil no Rio de Janeiro e outras milhares em outras capitais do Brasil e cidades do mundo; foi considerada a maior manifestação de mulheres da história do país (Rossi, Carneiro e Gragnani, 2018). Para uma análise do papel das celebridades neste movimento, cf. Simões, 2021.

sucesso. Alguns diziam que a cantora era uma falsa feminista por mostrar o corpo em seus trabalhos, e por isso não teria capacidade para criticar Bolsonaro; ela haveria escolhido o lado errado a se posicionar contra o então presidencial.

A mobilização foi apontada como eficaz por algumas pessoas; por outras, ineficaz, pelo fato de Anitta não ter perdido muitos seguidores em suas redes sociais digitais. Foi identificada como uma situação única onde públicos conseguiram pressionar uma artista a assumir uma posição política, mas que as pessoas logo esqueceriam o que aconteceu e voltariam a apoiar Anitta. Resoluções apontavam para boicotes públicos em premiações que Anitta participasse e o declínio de atenção para a cantora. Alguns apontavam pela continuidade da mobilização focando em outras celebridades, e outros dizendo que ela não tinha mais função e havia efetivamente acabado.

Neste período, que se encaminhou para a normalização do acontecimento, Anitta cedeu às demandas dos públicos e efetuou uma *politização governamental*, ou seja, desnaturalizou as ações do então candidato Jair Bolsonaro e atribuiu-lhe responsabilidade por elas. Ao mesmo passo, ela reforçou a *politização social e discursiva*, efetuada nos domínios do público e do individual, respectivamente, quando aponta que a política engloba ações do dia a dia que não estão necessariamente ligadas ao domínio do governo, apontando tanto para lutas sociais (públicas) quanto para ações individuais (privadas).

Embora a mobilização de públicos tenha atingido seu objetivo primário, o de arrancar um posicionamento de Anitta, e eventualmente se normalizado, as interpretações e sentidos evocados no decorrer do acontecimento permaneceram marcados. A afetação produzida pelos tensionamentos com a celebridade acabou por introduzir novos sentidos em sua imagem pública: se, anteriormente ao acontecimento, Anitta era tida como uma poderosa aliada das causas LGBT e feminista na cena pública, ela terminou como uma celebridade que se posiciona apenas quando era conveniente. Essa fratura também pôde ser observada em públicos que apoiaram o não-posicionamento da artista: se a recusa de Anitta em se tornar “política” era uma atitude louvável para estes, ao ceder e se posicionar

contra Jair Bolsonaro, ela se tornou “mais uma marionete” de públicos progressistas.

Considerações finais

O objetivo deste texto foi analisar movimentos de (des)politização nas interações entre Anitta e seus públicos. Assumindo uma abordagem pragmatista das celebridades, procuramos apreender ações desencadeadas nessa interlocução tendo em vista os posicionamentos da cantora nas eleições presidenciais de 2018.

A análise mostrou diferentes posicionamentos nos públicos convocados a partir das ações de Anitta. Alguns sujeitos evocavam um histórico e valores na imagem pública de Anitta para cobrar uma postura da celebridade em relação a Bolsonaro e as ameaças a direitos que sua candidatura impunha. Tais valores foram colocados em evidência, acionados, questionados e até invalidados no curso das interações e da disputa por politização. Eles indicavam uma necessidade, tornada obrigação, de posicionar-se politicamente em prol dos sujeitos que são afetados e efetivamente consomem o conteúdo da celebridade. Anitta, por sua vez, justificou sua despolitização evocando a natureza privada de seu ato; após a intensa mobilização, cedeu e politizou-se, mostrando que a relação entre celebridade e públicos é interacional, ou seja, ambos lados da interação agem e são afetados pelas ações dos outros.

O processo de investigação dos indivíduos para determinar qual era o problema (Cefaï, 2017) se configurou em uma busca por justificações, acontecimentos passados, explicações para tal crise. Esse percurso envolveu a recuperação da própria indagação *por que isso nos afeta?* Expressada em falas que evocam valores dos públicos e de sua interação com a celebridade. A partir do ponto em que eles não correspondiam, ou não se identificavam mais, a crise era tomada como legítima. Podemos relacionar esse estágio com a natureza de projeção, identificação e contraidentificação das celebridades (Dortier, 2009; França, 2014): quando há um descompasso entre a expectativa e a realidade das

ações de uma celebridade, as dinâmicas que indicam um desejo de corresponder a um modelo ideal e valores compartilhados dão lugar a uma percepção da diferença, de o que é oposto e distante do quadro de valores desejáveis.

Assim, quando se negou a fazer oposição pública a Bolsonaro, Anitta passou a ser considerada como alguém que compartilha valores com ele e, conseqüentemente, destoa daqueles dos públicos. Passou, então, a ser criticada, tomada como irrelevante, e até ameaçada de boicote. Segundo Cefai (2017), um problema público não surge sem precedentes, mas é pré-formatado por experiências passadas. O histórico de deslizos e posicionamentos atrapalhados de Anitta, então, foi convocado para ajudar a explicar a origem da crise e a embasar justificações da afetação, além de contribuírem para a formulação de resoluções. Como existia uma forte ligação entre sua imagem pública e pautas sociais como LGBTs e feministas, com a virada de valores, a celebridade passou a ser vista como oportunista, interesseira e alguém que só se associava a esses discursos por dinheiro. Essa virada de valores na percepção dos públicos pode ser visualizada nas próprias *hashtags*, de “#AnittaDigaNaoAoFascismo” (no início da afetação) a “#AnittalsOverParty” (depois das recusas de posicionamento).

As primeiras manifestações de Anitta (nos dias 19 e 20 de setembro de 2018) se relacionavam diretamente com a crise estabelecida pelos públicos - cuja *forma* (Quéré, 2003) foi delineada a partir das ações da celebridade. A cantora buscou justificar seu posicionamento (o *follow* num perfil pró-Bolsonaro que, na verdade, era de uma amiga) e se referiu às críticas apresentadas pelos públicos, em um movimento de disputa de sentidos: ao reafirmar seu comprometimento com as pautas feministas e LGBT, desqualificou as falas daqueles que a acusavam de estar aliada aos valores de Bolsonaro. Anitta também criticou a mobilização, enquanto reafirmou questões que seriam apenas de ordem *privada*, como o voto secreto e posicionamento político, dissociando estes de sua *persona pública*.

Esta questão se relaciona diretamente com o limiar poroso entre o público e o privado nas ações das celebridades; sujeitos que têm visibilidade performam ações de caráter privado, mas, devido ao próprio destaque que têm, podem

extrapolar desse domínio e causar afetações em coletividades, configurando-se em uma questão pública (Dewey, 1946). Sua tentativa de *despublicizar* a questão não surte efeito, pois as mobilizações seguintes continuam apontando a natureza pública de um ato que, inicialmente, seria privado. Ao se posicionar diretamente contra Bolsonaro, Anitta responde novamente à mobilização, pontuando que estava esclarecendo a situação mais uma vez, justificando suas manifestações anteriores perante as críticas e apontando ações políticas para além de mobilizações.

Consideramos que Anitta politizou-se não somente porque apresentou seu posicionamento político de forma clara e inequívoca, mas porque reconheceu os sentidos políticos que abriga enquanto celebridade que apoia e mobiliza públicos ligados a pautas progressistas, uma *celebridade politizada* (Wheeler, 2013). Ao colocar tais sentidos alinhados àqueles esperados por seus públicos, a celebridade aceitou não só essas características, mas também a expectativa de ação politizada que é esperada por parte de celebridades politizadas.

Os públicos atuaram, então, como agente politizante da própria figura de Anitta. Desde a identificação da crise às indagações e interpretações do que estava acontecendo, o que estava em xeque desde o início eram os sentidos políticos que a celebridade agregava em sua imagem pública. A crise em questão foi instaurada porque Anitta era vista como uma aliada LGBT, uma feminista e uma pessoa que lutava contra preconceitos; os valores esperados pelos públicos e os valores percebidos na ação da celebridade entraram em conflito. Assim, foi necessário evidenciar e problematizar esses valores, fazendo emergir movimentos de politização social e discursiva. Uma vez que a imagem pública de Anitta continha elementos políticos valorizados pelos públicos deste acontecimento, a simples recusa em agir tal qual previsto pelos públicos gerou uma quebra nesses valores que estão sedimentados em sua imagem pública.

É possível inferir que, para que ações políticas de celebridades sejam consideradas válidas perante seus públicos, elas não devem ser frutos de demandas, mas sim de manifestações espontâneas ou em consonância com os

públicos, sob risco de serem desqualificadas. Um vínculo entre a política de celebridades e sua imagem pública foi observado, girando em torno de valores e sentidos que se relacionam entre o sujeito célebre e seus públicos. Também foi possível perceber que os movimentos de (des)politização não são determinantes, no passo em que podem ocorrer simultaneamente entre diferentes atores sociais e domínios da política na vida social: uma celebridade pode politizar-se e despolitizar-se nas interações com seus públicos, numa dinâmica processual e relacional. Anitta despolitizou sentidos ao mesmo tempo em que politizou outros, numa dinâmica de seleção do que seria *público* e *privado*. No entanto, como aponta Dewey (1946), ações privadas podem se configurar como públicas se afetam outros para além daqueles engajados inicialmente na interação. Como celebridade, as ações privadas de Anitta têm o potencial de se tornarem públicas, sendo submetidas ao jugo das coletividades que afetou.

As celebridades evocam públicos que interpretam e reelaboram os sentidos de suas ações, que podem ser politizadas. Os valores contidos nessas ações devem, por sua vez, estar em consonância àqueles dos públicos que a celebridade mobiliza, sob risco de serem questionados, disputados e até invalidados. Os públicos podem, então, buscar politizar uma celebridade e suas ações, mesmo que esta resista ao movimento. Isso abre espaço para pensar ações de “cancelamento” e quais são os potenciais da *política de celebridades* (Wheeler, 2013) para o domínio do público e para a democracia contemporânea.

Referências Bibliográficas

BABO, I. O acontecimento e seus públicos. *Comunicação e sociedade*, v. 23. Minho: Universidade do Minho, 2013, pp. 218-235.

CEFAÍ, D. Públicos, problemas públicos, arenas públicas. O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos estudos*, v. 36. 01. São Paulo: Cebrap, 2017, pp. 187-213.

DEWEY, J. *The Public and its Problems*. Chicago: Swallow Press, 1946.

DORTIER, J.F. Les peuples, pourquoi ça marche? *SCIENCES HUMAINES*, Auxerre, n. 204, p. 18-23, mai. 2009.

FRANÇA, V. Sujeito da Comunicação, Sujeitos em Comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (orgs). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, V. Celebidades: Identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, V. [et al] (orgs). *Celebidades no Século XXI: transformação no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRADO, D. (Orgs.). *Celebidades no Século XXI: v.2: diversos perfis, diferentes apelos*. Belo Horizonte, MG: PPGCOM, 2020a.

_____. Celebidades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *E-Compós*, v. 23, jan-dez, 2020b, p. 1-25.

GREEN, J. *LGBT Purchasing Power Near \$1 Trillion Rivals Other Minorities*. Bloomberg, 2016. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-07-20/lgbt-purchasing-power-near-1-trillion-rivals-other-minorities>. Acesso em: 30 jun. 2019.

HAY, C. *Why We Hate Politics*. Cambridge: Polity Press, 2013.

MARSHALL, P. D. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

POSTINGUEL, D.; GONZATTI, C.; ROCHA, R.M. #AnittalsOverParty: a celebridade como mobilizadora de ciberacontecimentos, os consumidores-fiscais e a cultura do cancelamento em redes digitais. *E-Compós*, 23, p. 1-27, 2020.

QUÉRÉ, L. Le public comme forme et comme modalité d'expérience. In: CEFAÏ, D.; PASQUIER, D. (Orgs.). *Les sens du public*. Publics politiques, publics médiatiques. Paris: Presses universitaires de France, 2003. p. 113-134.

ROSSI, A.; CARNEIRO, J. D.; GRAGNANI, J. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SILVA, P. G. *Não foi apenas um beijo: O acontecimento beijo gay na telenovela Amor à Vida e a constituição de públicos*. Dissertação de Mestrado. FAFICH, UFMG, Belo Horizonte: 2016.

SIMÕES, P. G. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. Tese de Doutorado. FAFICH, UFMG, Belo Horizonte: 2012.

_____. Política de Celebidades no Brasil Contemporâneo. In: *30a Compós*, 2021

TORRES, E. C. Economia e carisma da indústria cultural da celebridade. In: FRANÇA, V.R.V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P.G. *Celebidades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 71-94.

TURNER, G. *Understanding Celebrity*. 2nd ed. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington DC: SAGE, 2014.

WHEELER, M. *Celebrity politics: Image and Identity in Contemporary Political Communications*. Cambridge, UK; Malden, USA: Polity Press, 2013.

WOOD, M.; FLINDERS, M. Rethinking Depoliticisation: Beyond the Governmental. *Policy & Politics*, v. 42, n. 2, abr. 2014, p. 151-170.